

JOVENS BRASILEIROS, DESCENDENTES DE ITALIANOS:
relações transnacionais e significados da dupla cidadania

YOUNG BRAZILIANS WITH ITALIAN ORIGINS:
transnational relationships and meanings of dual citizenship

JÓVENES BRASILEÑOS, DESCENDIENTES DE ITALIANOS:
relaciones transnacionales y sentido de la doble ciudadanía

Mariagrazia Santagati

Resumo: O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa, que reconstrói biografias de jovens brasileiros que são descendentes de italianos, com a cidadania italiana ou à espera de retorno ou de partida para a Itália. A análise propõe uma exploração dos múltiplos sentidos, instrumentais e simbólicos, da cidadania e aprofunda o relacionamento dos oriundi com o seus antepassados: por um lado, os jovens entrevistados são colocados em um "mercado da cidadania", dirigido por profissionais mais ou menos competentes e honestos, que se propõem buscar a documentação necessária para a aquisição da cidadania, vendendo a um preço elevado o "sonho italiano". Por outro lado, eles pretendem viajar para a Itália em busca de suas raízes, impulsionados pela memória e lembranças de família, em uma mobilidade facilitada por redes transnacionais de familiares e amigos. O estudo de caso mostra que as migrações nunca são definitivas, mas são viagens de ida e volta: o caminho para a Itália destes jovens é um caminho oposto aos avós e bisavós, que vieram no passado do Brasil, e caracteriza a trajetória de pessoas que, ao mesmo tempo, reivindicam um vínculo formal e emocional com a terra de seus antepassados, mas estão procurando melhores oportunidades de vida na Itália e na Europa.

Palavras-chave: Jovens. Cidadania. Migrações. Redes transnacionais.

Abstract: The article presents the outcomes of a qualitative investigation whose objective was to write the biography of young Brazilians with Italian origins, young Brazilians waiting for or already possessing Italian citizenship and young Brazilians waiting to get back to Italy. The study examines the multiple meanings of citizenship and analyzes the relationship of Italian Oriundi Brazilians with the country of their ancestors: on the one hand, the interviewees live in a sort of "market of citizenship", managed by officers with variable levels of expertise and honesty. These officers are responsible for searching the documents required to obtain Italian citizenship and sell the "Italian dream" at great cost. On the other hand, young Brazilians consider their journey to Italy as a way back to their origins, guided by their memories and those of their family and supported by transnational networks of relatives and friends. The case study here presented highlights how migrations are actually endless. These are instead more similar to round trips: young Brazilians' way back to Italy is opposite to that of their grandparents and great grandparents travelling to Brazil in the past; furthermore, it is a way for them to restore an emotional bond as well as a formal link with the land of their ancestors, but also to search for better opportunities in Italy and in Europe.

Keywords: Youngs. Citizenship. Migrations. Transnational networks.

Resumen: Este artículo presenta los resultados de una investigación cualitativa, que ha tenido el objetivo principal de recoger algunas biografías de jóvenes brasileños, descendientes de italianos, con ciudadanía italiana o en espera de obtenerla, sino también de regreso o en espera de la partida hacia Italia. El análisis ofrece una exploración de una multitud de sentidos, instrumentales y simbólicos, de la ciudadanía y profundiza la relación de los oriundi con el país de sus ancestros: por una parte, los jóvenes entrevistados se colocan en un "mercado de la ciudadanía", administrado por expertos más o menos eficientes y honestos, que se proponen lograr la documentación necesaria a la adquisición de la ciudadanía, vendiendo a precios altos el "sueño italiano". Por la otra, ellos miran al viaje hacia Italia como a un recorrido para encontrar sus orígenes, acompañados por la memoria y los recuerdos familiares, facilitados en la movilidad gracias a las redes transnacionales de familiares y conocidos. A través del caso examinado, se ve que las migraciones nunca son definitivas, sino viajes de ida y vuelta: el recorrido hacia Italia de estos jóvenes representa un camino inverso respecto a lo de los abuelos y bisabuelos que han llegado en pasado a Brasil y caracteriza la trayectoria de personas que, en el mismo tiempo, reclaman una relación afectiva y formal con la tierra de los ancestros, pero buscan también mejores oportunidades de vida en Italia y Europa.

Palabras clave: Jóvenes. Ciudadanía. Migraciones. Redes transnacionales.

*Artigo recebido agosto 2013
Aprovado em junho de 2013

1 UM ESTUDO SOBRE A MOBILIDADE HUMANA ENTRE ITÁLIA E BRASIL

Este texto é o resultado de um trabalho teórico e de uma pesquisa sociológica, elaborados no âmbito do projeto ALFA TransMigraRede, durante os três meses passados na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) de Rio Claro em 2005, que possibilitaram realizar um estudo sobre a mobilidade e as migrações internacionais entre Brasil e Itália.

Alguns dados descrevem o ponto de partida fenomenológico da pesquisa. Historicamente o Brasil se constituiu como um país de imigração: diferentes povos contribuíram para a formação deste imenso contexto multicultural, caracterizado por várias etnias, raças, costumes, cores e valores. De 1850 a 1930, milhões de estrangeiros – italianos, espanhóis, portugueses, alemães – instalaram-se no Brasil, substituindo a mão-de-obra escrava, na qualidade de trabalhadores nas plantações de café em São Paulo, na construção de caminhos e estradas necessários à expansão da cafeicultura, na construção de infraestruturas urbanas ou como colonos nos estados do Sul. Então, a grande imigração para o Brasil foi resultado dos movimentos pela abolição da escravatura e do desenvolvimento de uma política para atrair imigrantes nas fazendas de café.

Entre todas, a italiana foi uma das principais correntes migratórias que se dirigiram ao Brasil: no cenário geral da migração italiana, o Brasil entrou como a terceira opção (depois de Europa e Estados Unidos), embora temporariamente – entre o final dos anos 1880 e a virada do século – tenha emergido como a principal área de atração (BASSANEZI, 1995). De 1870 a 1920, o Brasil recebeu cerca de um milhão e meio de imigrantes italianos (1.622.491 no período 1872-1972)¹. Somente para o Estado de São Paulo vieram cerca de dois terços do total (ALVIM, 1999): no ano de 1893, 35% da população de São Paulo era italiana; em 1920, 50% dos homens da capital eram italianos. Grande parte dos italianos que migraram para a Brasil eram do Norte e do Sul da Itália: de 1876 a 1920, um terço do total eram do Vêneto (MEMORIAL DO IMIGRANTE, 2003). Estima-se que ainda hoje São Paulo possua a terceira maior colônia italiana, depois de Nova York e Buenos Aires (OLIVEIRA, 2001). Dados de 2000 da Embaixada da Itália apontam a presença de 25 milhões de italianos e descendentes no Brasil. O Estado de São Paulo abriga hoje 6 milhões de italianos e descendentes, segundo estimativa do Consulado Italiano – os outros moram nos outros estados do Sul do país.

Na história recente, ao contrário, o Brasil passa de um pólo de destino a ter o papel de uma região de origem; na sociedade europeia verifica-se o oposto. A partir dos anos de 1980, a chamada década perdida, o Brasil começa a inserir-se no contexto das migrações interna-

cionais e se verifica "uma busca de mobilidade social truncada no país, que se dirige, principalmente, para os países do Primeiro Mundo" (PATARRA, 2005, p. 359). Brasileiros hoje migram para Estados Unidos, Japão, Europa, numa situação diferente de quando este território se definia como receptor de imigrantes europeus (PATARRA, 1995). Os dados com respeito aos movimentos migratórios atuais são fragmentários e incertos, mas mostram que não se trata de uma diáspora porque estima-se que cerca de dois milhões de pessoas tinham deixado o país nas últimas décadas, o que correspondem a pouco mais de 1% da população brasileira.

Os países do Ocidente europeu que abrigam maiores contingentes de imigrantes brasileiros são Alemanha, Portugal, Itália – 60 mil, 51 mil e 37 mil brasileiros, respectivamente: cerca de 12% do total dos brasileiros residentes no exterior moram nas principais cidades da Europa, onde se destacam Lisboa, Zurique, Frankfurt, Munique, Milão e Roma (PIRES et al., 2004). No caso de Portugal e Itália,

raízes históricas podem ser evocadas na tentativa de explicar as condições do início dos fluxos migratórios e suas possibilidades de manutenção nas áreas de destino: como é amplamente conhecido, tem sido grande a tentativa de obtenção de cidadania italiana, por parte de brasileiros descendentes dos italianos que afluíram a nosso país desde o final do século XIX. (BÓGUS, 1995, p. 115).

No mesmo período, ao contrário, a Itália passa de terra de emigrantes a país de imigração a partir da segunda metade dos anos setenta. Em 1970 os imigrantes na Itália eram 144.000, depois de 40 anos a população estrangeira supera os 5 milhões (FONDAZIONE ISMU, 2013) e representa um fenômeno estrutural, caracterizado por uma condição subalterna dos migrantes no mercado do trabalho, consequência de uma dificuldade de realizar políticas migratórias e sociais integradas e duradouras (AMBROSINI, 2001). A partir do novo século, todavia, a Itália está tentando passar de uma primeira fase de acolhida e gestão das emergências a uma segunda fase de integração dos estrangeiros no tecido socioeconômico, cultural e político do país.

Pelo que concerne a comunidade brasileira na Itália, em 2003 – durante o período da pesquisa –, o Brasil constitui a segunda nacionalidade entre os grupos da América do Sul com 26.858 residentes, que moram sobretudo nas províncias de Roma (4.381), Milão (3.032) e Turim (1.153): trata-se, ademais, de um grupo principalmente feminino (73,7%). Um outro dado concerne à questão da cidadania: cada 100 cidadanias concedidas, 30 são de latino-americanos e o Brasil, com 601 aquisições (2002), é o terceiro na classificação dos países (depois de Albânia e Marrocos). Ademais, entre os brasileiros, 96% se tornam cidadãos italianos por casamento (D'ANGELO, 2005).

O interesse com respeito aos movimentos migratórios internacionais entre Brasil e Itália é significativo hoje porque, a partir dos anos

90, é possível para os descendentes dos italianos obter a dupla cidadania, passando a ter também a condição de cidadão italiano. Nos últimos anos, os requerimentos da cidadania italiana estão aumentando em nível numérico. No banco de dados do Consulado italiano, 21.000 pessoas estão agora esperando pela cidadania italiana. O tempo de espera é de cerca 8 anos para quem mora no Brasil (por causa de problemas de organização da burocracia consular), de 6 a 8 meses para quem escolhe ir à Itália para terminar o processo. O número de pessoas, segundo a opinião das associações italianas, é muito maior. Fala-se em 150.000 pessoas somente no estado de São Paulo, segundo as estimativas dos patronatos.

2 LINHAS DE PESQUISA

Os aspectos fenomenológicos apresentados, que concernem ao requerimento da cidadania italiana dos jovens brasileiros, aparecem como um ponto de partida do trabalho de campo realizado através das entrevistas com descendentes de italianos, que constroem relações transnacionais entre Brasil e Itália, acreditam na ideia do retorno e terminam o projeto migratório iniciado por outras gerações da própria família.

O objeto da pesquisa consistiu na reconstrução do percurso dos descendentes de italianos, com os objetivos de definir: quem são as pessoas que pedem a cidadania italiana; porque pedem a cidadania italiana; como se verifica o processo de pedido da cidadania e quais são os meios ou as pessoas que favorecem este processo.

No que concerne à metodologia, este projeto se deu em duas fases. A primeira compreendeu:

a) a aquisição de dados e informações (através do Consulado italiano, da Federação das associações italianas Fecibesp, do Memorial do Imigrante em São Paulo; do Arquivo Municipal, da Sociedade Italiana, da Agência Consular em Rio Claro);

b) a criação de contatos com associações italianas;

c) a realização de sete entrevistas semiestruturadas a informantes privilegiados (pessoas com responsabilidade em associações, advogados, professores de língua italiana)² para definir o campo de pesquisa com os objetivos de descrever o trabalho e as atividades destes informantes com descendentes de italianos e fazer um primeiro retrato das pessoas que pedem a cidadania.

A segunda fase compreendeu entrevistas não estruturadas a jovens descendentes de italianos, com o objetivo de chegar a recolher relatos de vida (BERTAUX, 1999) sobre a estadia na Itália ou sobre a experiência do pedido de cidadania italiana.

Foram entrevistados dez jovens:
a) com ou sem a cidadania italiana, mas que estavam procurando documentos;

b) que já foram e voltaram da Itália ou com um conhecimento de Itália mediado pela família;

c) que ainda queriam ir ou não queriam voltar à Itália.

A guia de entrevista utilizada se baseava, ademais, em alguns temas principais. Primeiro, se reconstruiu com os entrevistados o processo para obter a cidadania italiana (por alguns já terminado, por outros ainda em curso) analisando tempos, significado e motivação da escolha, a organização da busca (informações obtidas, mediadores, problemas e resultados, custos), o nível de conhecimento e representação da Itália antes de ir.

Segundo, se aprofundou a questão da identidade e do pertencimento social, cultural, territorial dos entrevistados, através da análise da origem italiana e da identidade cultural; do papel da família, da escola e da igreja católica, das associações, no processo de socialização da cultura italiana; da identidade social (percurso migratório e reconstrução da história da família); da identidade territorial, analisando como se define a pessoa (oriundo, brasileiro de origem italiana, ítalo-brasileiro, brasileiro e italiano com dupla cidadania, brasileiro ou italiano), da avaliação das distâncias e proximidades entre Brasil e Itália e do relato das representações sobre italianos e brasileiros.

Terceiro, se reconstruiu o período de permanência na Itália (com os cinco jovens que foram a esse país), a partir da ida à Itália e da preparação da viagem, analisando o local de destino (para verificar a correspondência entre região de origem da família e lugar de moradia na Itália), definindo o tipo de viagem e o significado de ir com passaporte italiano (facilitação ou frustração da dupla cidadania). Enfim se tentou analisar a correspondência entre sonho e realidade no processo de migração, indicada pelo tipo de trabalho feito na Itália, o nível de realização pessoal, com respeito às expectativas de partida; pela correspondência entre nível de escolaridade e emprego conseguido; pela relação entre o projeto inicial e a realização dos sonhos, da integração econômica e social, do tipo de relações entre italianos e brasileiros.

O objetivo final era compreender os projetos dos jovens sobre o futuro, analisando perspectivas, medos, esperanças, expectativas de vida no Brasil e na Itália.

3 UM RETRATO DE JOVENS ÍTALO-BRASILEIROS

A partir da análise dos relatos de vida transcritos, delineia-se um retrato dos entrevistados, pelo que concerne os dados estruturais (idade, gênero, condição familiar atual, percurso e nível de educação, condição de trabalho, profissão, lugar de residência – dados

apresentados nas tabelas 1, 2, 3). No total, trata-se de seis mulheres e quatro homens, que têm idade de 21 a 35 anos e que podem ser considerados jovens porque, na maioria dos casos, são solteiros e moram com os pais, estão em formação ou têm vivido a viagem à Itália como experiência de vida juvenil, afastando-se da família para experimentar a vida, através de uma experiência protegida, na terra dos pais. Em síntese, os entrevistados não se caracterizam por uma total autonomia da família de origem³.

Moro com meu pai, sou solteira... ele até falou que queria conversar com você, ele disse que é jovem, aí eu fiquei pensando jovem até que idade a sua pesquisa porque eu já tenho mais de 30. Tenho 35 anos, no Brasil a gente já está ficando velho... Agora está ficando normal isso, mas antes as pessoas saíam antes de casa, eu acho, agora de um certo tempo pra cá as pessoas estão vivendo mais tempo com os pais, mesmo trabalhando continuam morando com os pais mesmo, é mais comum agora no Brasil (7)⁴.

Moro com meus pais ainda. E o duro é morar sozinho no seu apartamento em outro país e ter que voltar pra casa dos pais. É complicado (4).

Eu saí daqui com 17, fiz a faculdade lá em São Paulo, fiquei lá e depois com 22 fui pra Itália... Eu tinha mais ou menos 27 anos quando voltei ao Brasil... recomendar com uma certa idade depois, ia ser um pouco complicado... que você faz hábitos, hábitos do lugar que você está... voltar depois muito tarde quer dizer, quando tivesse uma certa idade, ia ser mais difícil me adaptar, enfim, ou eu finco o pé aqui e vou atrás começar a juntar dinheiro e comprar uma casa e montar uma casa, ou eu volto e vejo o que dá, eu acabei voltando e ficando aqui (2).

Os entrevistados moram em diferentes cidades do Estado: na maioria, são do interior, uma mulher é de São Paulo, mas outros têm vivido na capital no período da formação universitária ou na infância. Pelo que concerne o percurso escolar e laboral, seis jovens entrevistados são graduados em diferentes áreas e são ocupados em trabalhos com uma qualificação meio alta (um moço está ainda estudando na universidade), embora em condições econômicas e de contrato desvantajosas: estes aspectos testemunham o aumento da escolaridade dos jovens italianos com respeito aos antepassados, analfabetos quando chegaram ao Brasil. Três entrevistados, ademais, depois do colégio, começaram a trabalhar no âmbito do terciário (Tabela 2). A condição socioeconômica da classe média e o nível alto de instrução dos entrevistados são confirmados por outras pesquisas, em que resulta que as pessoas que estão pedindo a cidadania italiana (ou que já têm ou que querem deixar o Brasil) são principalmente jovens de classe média (MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI, 2003), são homens e mulheres com nível médio de escolaridade. Como aponta Teresa Sales (1992), são pessoas que, no momento mais precioso de suas vidas, vão realizar um trabalho geralmente aquém de suas qualificações, como empregados nos serviços de baixa qualificação.

As últimas informações são a respeito da relação com a Itália. Os jovens encontrados constituem a terceira e a quarta geração de italianos no Brasil: os bisavôs e os avôs italianos vieram ao Brasil entre o final do século XIX e o princípio do XX, originários do Nordeste do

Tabela 1 – Gênero, idade, condição familiar e lugar de residência dos jovens entrevistados

Nº	Gênero	Idade	Condição Familiar	Lugar de residência
1.	Homem	35 anos	Mora com os pais	Rio Claro
2.	Mulher	35 anos	Casada com os filhos	Rio Claro
3.	Mulher	32 anos	Solteira com filha	São Paulo
4.	Homem	25 anos	Mora com os pais	Brotas
5.	Mulher	28 anos	Mora com os pais	Araras
6.	Mulher	29 anos	Casada sem filhos	Rio Claro
7.	Mulher	35 anos	Mora com o pai	Rio Claro
8.	Homem	21 anos	Solteiro	Ribeirão Preto
9.	Homem	23 anos	Mora com os pais	Rio Claro
10.	Mulher	32 anos	Mora com os pais	Rio Claro

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 2 – Nível de educação e trabalho dos jovens entrevistados

Nº	Título de estudo	Profissão
1.	Graduação em Educação Física	Trabalhador Autônomo
2.	Graduação em Desenho e Comunicação Visual	Artista
3.	Graduação em Psicologia	Psicóloga
4.	Graduação em Jurisprudência	Professor de línguas
5.	Graduação em Biologia	Estudante de Pós-Graduação
6.	Colegial	Secretária numa Escola de Idiomas
7.	Graduação em Odontologia	Dentista
8.	Estudante de Geografia	Estudante de Graduação
9.	Colegial	Dono de um Cybercafé
10.	Colegial	Secretária numa Escola de Idiomas

Fonte: Elaborada pela autora

país (Vêneto), do Centro (Emilia Romagna e Toscana) e do Sul (Campania, Puglia, Calabria). Somente três jovens tinham a cidadania italiana no momento da entrevista, enquanto os outros estavam procurando documentos para terminar este processo: cinco já ficaram na Itália por períodos de tempo diferentes (de 3 meses – a duração de uma visa turística – a 6 anos no caso de uma pessoa com a cidadania italiana) e em várias cidades do Norte e do Centro da Itália.

Eu lembro principalmente meu pai que comentava que tinha uma história do bisavô, eu também tenho dois bisavós que são todos italianos, até onde pude descobrir a maioria é do Vêneto né, Treviso, Padova, de Údine, mas a maioria é tudo daquela região, do nordeste. Meu avô foi gari, faz limpeza de rua trabalhou na zona rural e na cidade, ele trabalhava na prefeitura, serviço público de limpeza, eu não imagino hoje algum descendente dele trabalhando nisso. Meu pai foi marceneiro, depois ele teve a oficina do negocio dele e a gente tem até hoje. Eu trabalho pra mim, mas também estou tentando entrar na pós-graduação (1).

Eles fizeram uma festa de 100 anos da chegada da família aqui no Brasil. O pai da minha avó era do Vêneto, de Treviso. A outra parte da família era da Calabria. Agricultor era a profissão do meu bisavô, na certidão é comerciante, mas ele ficou de agricultor e depois teve uma padaria (3).

Eu sou a terceira geração de italianos no Brasil, sou bisneto e todos os meus bisavós são italianos, tem um lado que é uma mistura mas é assim, já é com italiano, é tudo europeu... Todos eram da Itália e vieram no meio da primeira guerra mundial nessa ideia de fazer a América, de arrumar trabalho... que a Itália estava numa crise meio violenta nessa época, isso foi de muito ouvir lá que o povo me contava, daí vieram pra cá pra estabelecer que tinha uma propaganda que você poderia vir aqui... mostrava a foto das fazendas, daquelas igrejas enormes nas fazendas e

com o tempo de trabalho os fazendeiros te davam um pedaço da terra, não era verdade. Uma boa parte da minha família veio nessa época... no ano assim 1900 alguma coisa, mas não gostaram do Brasil e voltaram pra Itália, daí ficaram lá, a crise tava apertando... voltaram de novo. Daí a hora que voltaram perderam um filho na viagem e jogaram no mar... Aí foi quando eles chegaram no Brasil e se estabeleceram aqui na segunda vez e tiveram o resto dos filhos aqui, trabalhavam em fazendas depois assim o bisavô conseguiu virar coronel do café e ele tinha a fazenda dele, e meu bisavô montou uma fábrica de moveis aqui, que agora é restaurante, e tem a casa de quando eles chegaram (4).

Meu bisavô é de Corato, perto de Bari... Ele chegou em São Paulo, meus avós ficaram em São Paulo. Meu avô teve comércio, ele ficou muito bem de vida aqui no Brasil. Meu avô era semianalfabeto, meu pai falou que ele não tinha estudo nenhum que ele só sabia o nome... aí ele veio e conseguiu conquistar bastante coisa assim, ele tinha uma loja de lustres no centro de São Paulo, ele importava todos os lustres, lustres finos e ficou muito bem de vida, mas meus tios eram todos jogadores, perderam tudo, tudo assim perderam muita coisa, então a situação não foi ficando mais fácil eles tiveram uma crise... meu pai conta que naquela época as pessoas não tinham carro novo, ele tinha 2, 3 carros, ele conseguiu assim pelo que ele veio assim sem estudar sendo semianalfabeto ele conseguiu muita coisa sim. Melhorou (7).

4 NOVAS CONDIÇÕES E ANTIGOS LAÇOS: SIGNIFICADOS DA CIDADANIA ITALIANA

Analisando o fenômeno do pedido da cidadania italiana entre os descendentes, aparecem novas condições que favorecem o crescimento deste processo, e alguns velhos laços e vínculos que orientam as escolhas dos jovens entrevistados.

Em primeiro lugar, existe uma possibilidade jurídica que permite manter a cidadania brasileira, também quando se procura o reco-

Tabela 3 – Jovens entrevistados e ligação com a Itália

Nº	Cidadania Italiana	Parentesco Italiano	Estadia na Itália	Cidade ou Região
1.	Sim	Bisavô Italiano (Vêneto, Friuli)	3 meses	Vêneto
2.	Sim	Bisavô e Avô Italianos (Vêneto, Sul)	6 anos	Vicenza
3.	Sim	Bisavô Italiano (Vêneto, Calabria)	1 ano (2 vezes)	Trieste
4.	Não	Bisavô Italiano (Emilia Romagna)	3 meses	Milão
5.	Não	Bisavô Italiano (Calabria)	4 meses (2 vezes)	Viagem/Roma
6.	Não	Bisavô e Avô Italianos (Vêneto)	-	-
7.	Não	Bisavô e Avô Italianos (Puglia)	-	-
8.	Não	Bisavô Italiano (Campania)	-	-
9.	Não	Bisavô Italiano (Vêneto)	-	-
10.	Não	Bisavô Italiano (Toscana)	-	Milão

Fonte: Elaborada pela autora

nhecimento jurídico na Itália. A busca dos documentos, ou talvez a aquisição da cidadania, precede e pode estimular uma reflexão sobre identidade e grau de pertencimento ao país dos antepassados, em geral pouco conhecido ou esquecido. Estes jovens, no caso analisado, podem ser não só brasileiros, mas também cidadãos italianos, mas de fato nem sempre conhecem a língua e a cultura italianas: trata-se de jovens que dificilmente participam da vida das associações e das festas italianas, mas agora querem ou já têm a cidadania italiana. Obter a cidadania significa ter deveres e direitos sociais, civis e políticos, segundo o critério da nacionalidade, mas isto representa somente o primeiro passo para desenvolver uma ligação e uma lealdade a respeito de Itália.

Na verdade eu sei muito pouco sobre a história dos meus avôs, hoje que eu vejo que eu tenho esta curiosidade eu pergunto um monte de coisas pro meu pai porque eu sei muito pouco da história dele, pouca mesmo (7).

Uma das coisas que eu quis saber desde o início é se teria algum problema com a minha cidadania brasileira. Quando eu percebi que não teria nenhum problema, tanto um país como o outro comporta a dupla cidadania, então daí eu sim procurei por batalhar em conseguir (1).

Assim de mim não partiu tanto, foi mais assim do meu pai né? Que assim tinha esta lei a gente até assim, porque é uma coisa que pro futuro pode ser bom, se você é cidadão italiano (7).

Eu tinha um irmão que jogava futebol na Itália, e nos temos cidadania, meu pai jogou futebol em Vitchenza. A gente já tinha a cidadania (2).

Eu fiz um ano de italiano antes de sair, mas como eu já te falei por mais que você saiba a língua quando

você encontra com o povo que já fala a língua deles assim, a língua mãe do povo que você está visitando você trava, não consegue falar (3).

Eu acho que pode ser diferente ficar na Itália com a cidadania, mas não é uma coisa automática, o fato de você ter a cidadania italiana você vai chegar na Itália ou qualquer outro país e você automaticamente vai ser integrado (1).

Outro fator concerne à mudança dos conceitos de espaço e de tempo, provocada pela globalização, que se traduz numa aproximação de lugares através de Internet, das comunidades virtuais⁵, mas também através da difusão do turismo de massa, das viagens econômicas propostas pelas companhias aéreas.

Queria passar um tempo na Itália, e aí assim tentei por várias maneiras, a Internet estava começando aqui assim tava mais. Quando eu comecei a pesquisar mesmo deve ter sido em 1996. Meu primo só tinha um computador com Internet lentíssimo. Então... num sei quem me arrumou um lista com todas as universidades, eu escrevi acho que umas 70 cartas assim, manualmente e mandei, porque eu queria, eu queria saber a quantidade de bolsas de estudo e ingresso na universidade e muitas poucas me responderam (3).

Eu entrei numa comunidade na Internet pelo Orkut e as pessoas estão discutindo de quem tirou a cidadania italiana, como tirou e eu estou descobrindo que muitas pessoas estão indo pra Itália pra tirar, e elas estão dando passo a passo de como tirar, os documentos necessários, quanto demora (5).

Eu comecei a procurar na internet alguma coisa assim sobre o nome italiano, lá, algumas localizações dentro sim que apresentou esta região do Veneto. Consegui, tem um que chama-se Cuore triventino alguma coisa assim, aí com o sobrenome consegui uma localização assim. Mas eu não tenho conhecimento nenhum. Foi este ano que uma amiga começou a tirar a cidadania

dela, aí você começa nessa curiosidade dela, você começa a ir atrás também. Quando comecei a pesquisar na internet, descobri que é esta região do Veneto (6).

Eu troco informações às vezes com um correspondente vamos dizer né? O problema é que até então eu não tenho adotado o italiano e nem entendo o italiano, como eu tenho fluência em inglês a gente conversava em inglês, pelo messenger e a gente conversa sobre as universidades italianas por que eu pretendo fazer um doutorado, um mestrado, um doutorado depois né? E eu gostaria se pudesse ter a oportunidade de fazer fora, eu gostaria na Itália (8).

Em setembro eu estou programando a viagem. Eu estou esperando o consulado me ligar mesmo, porque eles estão de férias, o mês de agosto todo. Vão me telefonar em setembro pra eu ir buscar, aí eu já compro a passagem. Só não comprei porque eu estou dependendo do consulado. Eu quero ver se até o fim de setembro, eu estando com os documentos, compro a passagem logo. As malas já estão prontas, esta tudo em ordem (10).

A nível político, os entrevistados sublinharam a propaganda do governo italiano que, entre todos os emigrantes que chegam à Itália, declara preferir os descendentes de italianos, embora não corresponda à prática, sendo que a concessão da cidadania demora muito. Os entrevistados são brasileiros que podem ter no futuro o passaporte italiano, que são considerados, também pelos políticos italianos, como próximos da Itália enquanto moram no Brasil, mas se tornaram estrangeiros e distantes quando forem à Itália: a proximidade e a distância física não correspondem à proximidade e à distância social, construídas política e socialmente.

Agora a Itália está se empenhando muito nesse intercâmbio pra resgatar esses filhos e levar pra lá, você que é italiana me confirme essa informação... a mão de obra na Itália tem sido pouca, porque a população envelhece. Então eles preferem resgatar os consanguíneos e por esta razão a Itália tem se empenhado dando passaporte. (Informação verbal)⁶.

A nível cultural, as novelas sobre italianos, a influência dos meios de comunicação (televisão, imprensa, sites) difundem a ideia da facilidade da língua italiana e da proximidade entre Itália e Brasil: esta mobilidade é representada como uma emigração mais protegida do que a emigração para os Estados Unidos. De fato, quem adquiriu seus documentos considera o retorno como um direito⁷. Ademais, se a migração nos Estados Unidos parece ligada a motivações principalmente econômicas, as migrações na Europa e na Itália parecem ligadas também à cultura e ao desejo de conhecimento.

Eu sempre tive vontade de conhecer a Itália, fico com aquela coisa na cabeça assim, deve ser um país bem bonito, tem mar em volta tudo, eu gosto muito de água de mar, então acho que deve ser um país assim, bem bonito. Deve ser pela ascendência assim, porque de outros países assim, apesar de que eu sempre tive mais atração pela Europa do que pelos EUA, todo

mundo sempre teve aquela coisa assim pelos EUA, eu não, sempre gostei mais da Europa, não sei, desde pequena, eu fui né? (7)

Eu estudei muito a Itália antes pra ir pra lá, eu sempre me interessei, além de fazer italiano, eu estudei a cultura italiana eu quando cheguei em Milão eu falei aquilo ali é a estatua do Victorio, ele foi o rei da unificação italiana junto com o Garibaldi que... sabe? Eu sabia tudo, (risos). Não tem como não gostar da Itália... é a capital da arte, você vai estudar arte no mundo você cai aonde? Pode falar não começou na Itália mas o renascimento foi lá, então... nossa não tem o que falar daquilo. Eu acho assim interessante na minha escola tinha uma mapa da Itália com pontos turísticos, então se você fosse parar numa cidadezinha lá por mais longe que ela fosse, tem uma catedral enorme do século não sei quanto, onde você for na Itália tem história, isso que eu gosto sabe? Eu tive que estudar o passado pra entender o futuro, eu acho isso interessante, não só na Itália mas em toda Europa. Onde o que você estudou a vida inteira está na porta da sua casa. Eu quero ir! (4).

A ideia de procurar os documentos para obter a cidadania, ademais, nasce do resultado obtido por pessoas conhecidas ou familiares, mas também o relato das pessoas que estão procurando documentos influi sobre este processo. Além das condições e relações que favorecem a difusão deste fenômeno coletivo entre as gerações dos descendentes de italianos, na biografia dos entrevistados, delineiam-se significados e motivações (instrumentais e/ou expressivos, pois interesses, conveniências, valores se entrelaçam) que caracterizam a escolha por pedir a cidadania italiana. Obter a cidadania e o passaporte italiano constituem:

- a) uma possibilidade de entrar na Europa e nos Estados Unidos mais facilmente para trabalhar, sem precisar da permissão formal;
- b) uma oportunidade de viajar mais facilmente pela Europa e pelos Estados Unidos;

Na época que eu fui tinha um rumor de que eles iam fechar e não dar mais cidadania, então já tinha muita gente naquela época, porque tinha este rumor de que dali a tanto tempo eles não iam permitir mais essa cidadania pra descendente, então por isso eu quis fazer também, quando eu dei entrada eu nem pensava. Eu não sabia o que que isso me daria legalmente assim, mas eu tinha vontade de ir pra Europa, vagamente, eu não tinha muito esta ideia de morar não, eu achava que iria me ajudar alguma coisa, talvez. Eu ficava muito na questão do estudo, minha fantasia isso de algum modo facilitaria ter este documento, e porque ia ser fácil, se eu tenho este direito deixa eu ir atrás (3).

A princípio eu queria estudar e passear, conhecer a Itália, conhecer os parentes que ficaram lá, os que voltaram brasileiros que estão lá que eu não tinha contato mais com eles. Pra poder trabalhar e morar lá, têm outras formas? Têm, mas se eu posso ir com cidadania é até mais fácil pra tudo né? Pra faculdade, pra trabalhar, pra morar. Eu sempre quis ir, eu sempre quis saber de Itália. Pra mim ir à Itália, pra muita gente tira pra poder viajar, pra mim não, é só Itália (4).

c) uma questão de imaginário; de fato, possuir o passaporte significa evitar o estigma negativo que representa ter nacionalidade brasileira, pois ter o passaporte italiano significa adquirir um status mais alto;

Nós achamos que fosse melhor ter a cidadania porque sempre o brasileiro sempre não é muito bem visto fora, tem sempre uma conotação muito desagradável do brasileiro fora, então a gente não queria ter este estigma também, e pra facilitar, com certeza (2).

Se você é cidadão italiano na Europa você é tratado diferente, porque eu acho que brasileiro lá fora não é muito bem visto não sei porque, então eu acho assim se você é uma cidadã italiana você vai pra Europa eu acho que você vai ser vista de outra forma, vai ser tratada de outra forma (7).

d) significa cultivar a ilusão de voltar como cidadão na Itália e, porque não, ser considerado também cidadão europeu.

No meu caso, tenho a cidadania desde o ano passado, foram pelo menos cinco anos de batalha excessiva pra conseguir a cidadania... Eu vejo até neste sentido, você ser um cidadão, você ter direitos garantidos por esta cidadania, não só a cidadania italiana, mas europeia e não abrir mão da cidadania brasileira (1).

Acho que é isso... no futuro precisar ir pra lá, sei lá, ser tratada de forma diferente mesmo, mais respeito, dignidade ou se você precisar você vai ter um trabalho... Você vai ser uma cidadã, como você assim, não como se tivesse nascido lá mais vai ter uma cidadania, já vai ser diferente eu acho o tratamento (7).

Depois da análise dos sentidos atribuídos à cidadania italiana, é necessário precisar as causas e as motivações que levam os jovens a ir à Itália, com ou sem a cidadania italiana, somente para viajar ou também para morar, estudar ou trabalhar. Geralmente, se escolhe ou se escolheu ir à Itália porque existem fatores de expulsão (instabilidade econômica e política do Brasil, desencantamento com respeito à corrupção do país de origem) e fatores de atração (busca de melhores condições de vida ou de trabalho mais bem remunerado, segurança social, bem-estar social, instrução, ausência de violência no país de destino, dificuldade de entrar em outros países europeus), que representam a explicação clássica dos processos migratórios.

O Brasil não oferece muito, as pessoas ficam meio desanimadas nesse país porque não oferecem condições, sabe? Aqui assim a saúde não é legal, você vê muita coisa errada sabe? Nesse país, os políticos que poderiam fazer um pouco mais por este país não fazem, não têm força de vontade (5).

Nunca pensei em tirar a cidadania, mas quando eu estive na Europa viajando, morando em Londres eu pensei na facilidade que europeu tem em determinadas coisas principalmente pra viajar, entrada e saída dos países, direito à educação, o próprio trabalho, poder trabalhar livremente, isso me incentivou a querer a cidadania (5).

Eu tinha assim uma referência dos monumentos históricos né, um país mais desenvolvido, uma distribui-

ção da riqueza mais igualitária porque eu acho que este é o grande problema do Brasil, este desnível brutal socioeconômico absurdo, eu imaginava que isso eu não iria encontrar lá, mas que não é nenhum mar de rosas você encontra dificuldades lá também (1).

O problema maior do Brasil é o governo, a política, a administração. É um país bonito, grande, é um país que teria tudo pra ser como a Europa, se não tivesse essa má administração, esse governo corrupto. E ele é muito grande mesmo, eu acho que um presidente só para um país tão grande... Então as oportunidades vão ficando cada vez menores, de trabalho, de estudo. Você tem que lutar muito pra conseguir uma coisa tão pequena, uma oportunidade tão pequena. Eu acredito que seja difícil chegar na Europa agora, mas eu acho que as oportunidades são maiores (10).

Na universidade pública, como a UNESP tem que fazer vestibular pra entrar. É difícil e me falaram que na Itália não existe vestibular (10).

No Brasil a gente tem o vestibular, não sei como funciona na Itália nas universidades, então você tem o processo seletivo pra entrar. No Brasil no ensino público está um pouco fraco, bem fraco por conta de políticas governamentais até hoje, então os estudantes do ensino privado se destacam e conseguem as melhores vagas nas universidades. No Brasil nas universidades públicas tem 120 pessoas por vaga, então são 119 pessoas que não vão estar entrando na universidade. Eu acho que deveria ter mais investimento por parte do poder público. Eu acho que os nossos políticos deveriam olhar com mais cuidado para a área da educação (8).

Também existem outros fatores que orientam a escolha por emigrar ou retornar no país de origem da própria família (turismo, aventura, atração cultural, desejo de conhecer o país dos antepassados, busca das raízes e descoberta da ligação de sangue).

Tive duas vezes na Itália... a primeira fiquei em 99 fiquei em julho. Eu ganhei esta viagem dos meus pais porque a minha mãe é apaixonada pela Itália, a família do meu pai vem da Itália e eu fui no último ano da graduação, eu ganhei de presente, eu fui viajar pela Europa mas o país que fiquei mais tempo foi a Itália, depois fiquei um mês passeando por vários países, conheci Genova, Firenze, Veneza, Roma, Nápoles e várias outras cidadezinhas aos redores, viajando sozinha (5).

Eu tenho programado pro final da minha universidade, no final do meu quarto ano eu pretendo fazer meu tour pela Europa, vamos a partir com os amigos... de Lisboa ir para todos os países: Espanha, França, Alemanha, Itália, passar na Grécia. Tá previsto pra durar 2 meses, 2 meses viajando pela Europa (8).

Eu tive uma motivação bem forte de buscar as origens. No fundo, no fundo o que motivou mais foi este resgate das origens (1).

Pra mim a ideia sempre foi sair, isso é um fato da minha família, sair pra abrir horizontes, enfim, uma outra cultura, experiência, e foi o que eu fiz (2).

Minha história está intimamente ligada à Itália, minha família inteira é italiana né? Então sempre escutei falar de Itália e isso me deu uma curiosidade assim, sabe? De a, sei lá de ir pra lá de conhecer porque só escutava falar de Itália (4).

Agora quero voltar ano que vem pra conseguir a cidadania, porque eu acho que é um resgate da minha família, do histórico da minha família, conhecer a terra deles, conhecer de onde eles vieram, eu não conheço a cidade deles, de onde eles vieram (5).

Eu não tive muito contato com meus avôs que quando eu nasci eles já tinham morrido, mas eu sinto uma coisa de sangue, de conhecer, de curiosidade, sabe? Apesar deles terem vindo bem pequenos pra cá, é uma coisa assim que eu sempre tive vontade de conhecer a Itália, acho que fica aquela coisa assim dos meus avôs assim de ter... Também uma curiosidade, também imagino que deve ser um país muito bonito acho que eu assim pela beleza me atrai, pela história (7).

Ademais, todos os entrevistados têm na Itália ou Europa relações com parentes ou conhecidos que moram lá: existem redes fortes ou fracas (ou apenas contatos) que facilitam esta nova mobilidade e que levam os jovens a unir-se a parentes brasileiros já residentes naquele país.

Eu tinha um irmão que jogava futebol na Itália... Quando eu cheguei lá na Itália eu fui procurar por que meu irmão estava em Gorizia perto de Udine (2).

Um amigo meu falou: "olha eu conheci uma pessoa que foi pra Trieste, quem sabe? Parece que tem um estágio" e ele me deu o endereço, eu passei pro endereço um fax e aí ele me deu o modelo da carta que tinha que escrever pra fazer o pedido, e eu escrevi acho que devem ter demorado uns 4-5 meses pra responder e responderam que eu poderia ir no ano seguinte (3).

Tem esta minha prima que me ajudou muito que está lá, que se eu precisar ela vê pra mim, como ela já viu todas as escolas. Minha prima está, não sei a cidade, por que ela ia ser enviada lá, é no estado, eu não sei vou. Posso até descobrir onde ela esta, mas se ela, como ela estudou muito tempo na Itália como ela fez faculdade, ela fez mestrado, ela sempre faz curso lá, então ela tem contato com as universidades, então ela fala lá vai abrir vaga de tal coisa, interessa? Fazer a inscrição pela internet ela me dá o site (4).

A segunda vez que fui, fiquei 15 dias em Roma e fui pra Pisa, eu tenho um amigo que morava em Pisa e é professor da universidade lá, ele é brasileiro e está dando aula na universidade lá (5).

Tem a sobrinha do meu marido que mora lá em Florença que é bom, é gostoso, aí dá mais vontade de conhecer, é mais a curiosidade mesmo (6).

Agora na Itália tem uma amiga da minha mãe, que esta lá faz uns 5 meses. Também foi pedir a cidadania, ela também tem direito, levou os papéis. Ela esta adorando. Esta namorando. Trabalhou com a minha mãe e aposentou e como o apartamento dela é alugado e é grande ela convidou para eu ficar lá com ela, em Milão. Agora eu tenho onde ficar pra fazer tudo o que eu tiver que fazer. Aí se eu já puder trabalhar pra ir ajudando em alguma coisa. Porque eu tenho que ficar lá esperando sair o passaporte europeu (10).

5 O "MERCADO DA CIDADANIA", FÁBRICA DOS SONHOS: ENTRE REALIDADE E ILUSÃO

Os jovens que tentam tirar a cidadania italiana através do Consulado de São Paulo ou pensam obter direito na Itália encontram muitas dificuldades. O problema é que a maioria das pessoas não consegue facilmente obter a cidadania, porque não conhece exatamente a localidade de nascimento do antepassado que poderia transmitir a cidadania, não possui a documentação necessária, precisa procurar o sobrenome original da família e as traduções dos documentos quando da entrada no Brasil, sendo que muitas vezes o nome mudava, isto é, era grafado na língua portuguesa.

Então, quem faz tudo isso? O que acontece e como se desenvolve este processo?

Uma palavra que vem dos relatos dos entrevistados é o fato de que a emigração está ligada e conectada a um sonho e a um projeto: as duas dimensões influem sobre a escolha de migrar, mas se o projeto parece antecipar a ação, parece mais racional e organizado, feito de escolhas, o sonho se refere a uma dimensão mais irracional. Acha-se que tudo isso está mesclado na escolha de migrar que não pode ser considerada somente um resultado de um balanço entre custos e benefícios, mas também uma decisão emotiva, que une emotividade e razão, motivações econômicas, culturais, familiares: a migração encontra no sonho uma dinâmica geratriz no âmbito do imaginário e a primeira condição da imaginação, da liberdade, da responsabilidade, um sonho que se revela linguagem, sentimento, sentido, símbolo⁸.

O que é um sonho? O sonho tem uma acepção negativa no sentido de sono, inconsciência, irracionalidade, emotividade, descontrole, mas tem também sentido de melhoramento, expectativa, aspiração, busca do bem-estar global de uma pessoa.

Na verdade eu tive um sonho que eu sobrevoava Roma, isso acho que quatro anos antes de eu ir. Bem eu sempre tive muita vontade de sair do Brasil assim, conhecer a Europa em geral, este sonho foi meio o que mobilizou assim, de alguma maneira isso pode se concretizar, né? E o por que da Itália, assim acho que tem a ver com toda a minha família, porque eu queria... mas não era consciente disso não, eu não pensava e bom, então, nesse sonho eu sobrevoava e via as abóbadas das igrejas assim e isso foi muito intenso assim, sabe? (3).

Quando eu pisei na Itália e falei assim, estou na terra dos meus bisavós e é um sonho se sabe? Você nunca... sei lá é estranho se imaginar, não sei se você já teve... não por que sua família sempre foi de lá, mas você vira e fala assim "nossa, aqui que começou a história, eu tô aqui, tô pisando aqui" (4).

Eu gostaria de ir porque eu vejo que é um sonho do meu pai ver de onde vieram... acho que toda pessoa tem o sonho de saber onde é a origem realmente dos pais, ainda mais pai e mãe (7).

Minhas irmãs acham ótimo, dizem que tem que ir mesmo à Europa, que é um sonho, se é uma vontade, tem que lutar mesmo, pensar primeiro em mim, só. Ir mesmo, porque mais pra frente eu posso tirar da

família inteira, dos meus sobrinhos eu tenho a possibilidade de tirar a cidadania... Eles podem estudar mais pra frente lá (9).

O Brasil é um país onde você perde um pouco os seus sonhos, você perde muito as esperanças (7).

Os sonhos são individuais e pessoais, mas adquirem uma força e se podem transformar em ação quando se tornam coletivos e são construídos socialmente. Está-se falando, por exemplo, da escolha de migrar ou de voltar à Itália. Por isso é importante o papel das representações sociais que definem um contexto social. A representação positiva do possível retorno à Itália dos descendentes, presente dentro da comunidade italiana do Estado de São Paulo, cria representação e expectativas que influem sobre a escolha da partida de muitas pessoas: assim se explica a ansiosa busca que se verifica em lugares símbolos do Estado de São Paulo (o Consulado, as Associações, o Memorial do Imigrante).

Assim, o sonho de migrar às vezes pode ser transformado em ilusão, não somente pela propaganda dos meios de comunicação (imprensa, internet, site, televisão), através de um verdadeiro marketing, mas também existem pessoas que fazem isso acontecer, mediadores, como conhecidos, parentes, associações, advogados, centros de pesquisa, profissionais mais ou menos competentes: estas pessoas se podem chamar quase "coyotes de terno e gravata"⁹.

Pra tirar a cidadania preciso da certidão de nascimento e casamento que tá na Itália, com minha prima que já está lá, ela já vai mandar pra mim entendeu? Todavia é bastante complicado, quando você está quase tudo pronto a lei muda, por exemplo, até um tempo atrás eu podia usar parte da minha família, eu estava com os documentos lá eles pegavam o que precisava me incluía nela e tava tudo certo, agora não posso mais, agora pra minha família meu pai, precisa abrir uma outra pasta... Mas o complicado é que acho que deu uma dificuldade de uns tempos pra cá. Não sei, não faço ideia, pra não tirar? Se é pra dificultar além de tudo ela é cara. No cartório assim, não precisando de todos os documentos mas você vai tirar na Itália fica em mil reais só no cartório, fora no consulado que você paga a taxa de legalização, custa 32 euros cada carimbada na folha, em todos os documentos 3 cada um. Como eu vou tirar na Itália não, mas quem tira no Brasil mais de 10 documentos, 20 documentos. Uns 2mil reais 3mil, como era um sonho meu eu juntei dinheiro pra pagar isso pra também. Tem também uma associação italiana que corre atrás um pouco, que ajuda você a procurar seus descendentes e depois têm os patronatos que chamam que são órgãos do consulado, em Rio Claro tem um mas a agência consular que ajuda também a procurar documentos, mas eles não falam onde está... eles não procuram que eu saiba, você que tem que correr mesmo. Têm advogados que eles vão, mas cobram né? Mas fazem tudo, eles cobram em euros, a maioria cobra em euro. Eu sei por advogado mas eu não sei o preço, eu juro que não sei, mas tem bastante mesmo, às vezes por... se foi isso que eu entendi, por procuração eles podem fazer tudo por você pra não precisar ir. Em euro, como eu sempre digo pra

brasileiro é caro. Às vezes você confia a pessoa, fala que vai ajudar e não ajuda muito, por que ninguém é sabedor da verdade, é duro você procurar. Também já te falei, os italianos chegavam no Brasil depois no porto escreviam o nome deles do jeito que queria, então você tem que deduzir mais ou menos como era o nome deles porque não era igual, você tem que ver se tem antepassados italianos e tudo. Aí a pessoa fala, eu vou te ajudar mas depois fala não convém, então não pode falar que vai fazer tudo, é difícil entendeu? Ninguém sabe (4).

Fora do Consulado da Itália em São Paulo, muitas são as pessoas e as mensagens publicitárias que oferecem informações sobre esta questão da cidadania italiana. As palavras seguintes parecem um bom exemplo deste sonho material ou imaterial que alguns estão construindo e representando: "Quer trabalhar na Europa??? Se você tem passaporte da União Europeia, embarque já!!! Trabalhe ganhando 1.000 euros por mês sem pagar moradia e alimentação. Consulte-nos!". O sonho se transforma em uma questão econômica, uma procura que encontra uma oferta ampla no mercado da cidadania. A desigualdade se reproduz na mobilidade e conseguem migrar somente os jovens da classe média, pois ajudar a conseguir um sonho tem um custo econômico bastante alto que depende do número dos documentos, do nível de conhecimento da própria família, do número de traduções, das eventuais viagens e da moradia na Itália, da boa fé das pessoas que se ofereceram como intermediárias.

Eu liguei no consulado e perguntei aqui no Brasil se eu posso tirar ele agora, eu já tenho a pasta, minha família já tem a pasta com todo o processo pronto, quanto tempo levaria, diz o consulado que de 8 a 15 anos, então eu entrei numa comunidade na internet e eles estão dando passo a passo de como tirar, os documentos necessários, quanto demora. Eu liguei pra minha prima e ela falou que acha que no meu caso ela não sabe se é possível porque as pessoas da família já tiraram no Brasil, diz ela que o consulado italiano está dando uma informação errada, que não demora de 8 a 15 anos, que eu tenho este direito imediatamente porque eu tenho a pasta pronta, porque eu já tenho os documentos revisados está tudo pronto, em dezembro eu vou com ela no consulado porque ela articula melhor, ela sabe melhor e ela vai me ajudar. Assim, o no meu caso eu já tenho toda a documentação pronta então o custo não é alto, quem está começando o custo é bem alto. Advogado, tradução dos documentos, advogado pra ajudar a procurar a documentação, se você quiser, eu te indico onde eu consigo estas informações na internet (5).

Eu acho que é caro, porque não tem documento, tem que tirar, ir atrás do documento. Um custo que não é barato não, é caro. Da minha família ninguém conseguiu tirar por causa dessa localização que não sabe, da minha família ninguém conseguiu tirar, tem uma prima minha também que gostaria de tirar que também não conseguiu, porque a gente fica trocando informações e ela não conseguiu e eu também não consegui, mas acho que o custo não é fácil. Tudo que você vai pedir um documento você precisa de dinheiro tem que pagar, o custo é caro (6).

Já faz um ano, 2 por aí, até os nossos documentos estão todos na agência consular. Eu não sei quanto meu pai pagou, mas ele gastou um bom dinheiro. Porque assim meu primo também, por parte do meu pai também ele já tirou, ele conseguiu só que ele pagou um advogado super caro na época... ele tem mais dinheiro então assim, eu vejo assim é meio injustiça quem tem dinheiro acaba tendo outros caminhos mais fáceis. Esse meu primo eu não sei, ele pagou em dólares, 5 mil dólares na época ele pagou por este advogado que ele conseguiu rápido, meu pai eu não sei, mas eu sei que ele gastou uns dez mil, porque tem que traduzir os documentos, tem que ver tudo direitinho (7).

6 IDENTIDADES MÚLTIPLAS E TRANSNACIONAIS

É claro que esta oferta é uma resposta a uma procura. Frequentemente, os jovens brasileiros realizam somente uma busca instrumental dos documentos exigidos para entrar na Itália: a lembrança do percurso migratório da família é útil somente de maneira instrumental para obter documentos, para saber o sobrenome, conhecer o modo para obter a cidadania em tempo mais rápido. Neste caso a busca é instrumental e o indicador disso é o fato de que as maiores comunidades brasileiras na Itália (Milão, Roma, Torino) não se encontram nas regiões que enviaram maior número de italianos (Vêneto) ao Brasil. Outro indicador é representado pelo fato de que muitas pessoas querem o passaporte italiano, mas não querem morar na Itália, mas sim em outro país europeu.

Pretendo entrar na Espanha já com cidadania. A cidadania italiana é válida em toda a União Europeia, ela é reconhecida em toda a União Europeia. Como se eu fosse um cidadão europeu (9).

Eu quero ir à Itália, porque assim eu tenho o passaporte europeu. Sai a cidadania e o passaporte europeu. Porque se eu for pra Espanha direto eu vou ficar ilegal. A não ser que eu já arranje um emprego ou se eu fosse para estudar, mas eu não quero ficar ilegal. Eu vou para Itália, faço tudo que tem que ser feito e pego meu passaporte europeu. Assim eu posso ficar na Europa. Então entre 6 e 8 meses eles já liberam o passaporte, porque os documentos estão todos certos, não está faltando nada (10).

Quería ir embora, estava querendo ir pra França, fazer estágio em outro lugar lá, tava querendo. E esta história de validar meu diploma, era possível, porque financeiramente até eu consegui traduzir, eu tinha quando eu vim pro Brasil eu tinha dado entrada em toda a papelada, a minha mãe ia fazer toda a tradução, com os históricos estas coisas era possível sim, só que tinha... como chama o exame da ordem lá? Eu estava estudando, estava com calma. Estava procurando outros estágios porque aquilo lá na Itália não era psicóloga (3).

Eu queria ir para os Estados Unidos, com o meu primo. Só que depende da situação... eu começaria ilegal, ficaria ilegal, só que eu acho que não é legal. E eu não quero ir lá para lavar prato, pra lavar chão, para ser jardineiro (9).

É interessante sublinhar que as raízes e o pertencimento à Itália, na maioria dos casos, não são mantidas e transmitidas de geração em geração, mas muitas vezes procuradas, descobertas, inventadas, construídas, escolhidas: trata-se de uma verdadeira invenção da identidade italiana pelos descendentes, que se verifica escolhendo de maneira ciente seus próprios antepassados.

Aqui a gente não tem muitas ligações com a cultura italiana, porque as festas que têm aqui não têm muito a ver, por exemplo, com a cultura deles, o que se fala de festa italiana aqui é San Genaro, São Genaro é do sul, né? E aqui a maioria é vêneta!!! Não que a gente não curta, não goste disso também, mas quando você vai estudar um pouco isso vê que não tem nada a ver com seus antepassados, essa possibilidade não existe (1).

Eu tenho o interesse de estar indo pra Itália, eu já estou começando a fazer italiano agora... eu já estou me acostumando, eu gosto da cultura italiana, da parte da minha mãe todos são italianos, da parte do meu pai são alemães e portugueses. Seria mais fácil tirar a cidadania alemã que italiana, acho que gosto mais da Itália (8).

Eu vou pra lá pra tirar a cidadania, viajar por lá, conhecer algumas coisas por lá e depois eu pretendo ir pra Madrid para estudar e trabalhar. A Itália eu não conheço muito, só por foto (9).

Se eu conseguir um emprego, mesmo na Itália, é interessante porque aí eu não vou ficar sem fazer nada. Dá para me manter esse começo lá, até arranjar alguma coisa, sair a cidadania. Mas o meu sonho, o meu ideal é a Espanha, a Itália não. O sangue é italiano, mas a Espanha me atrai (10).

Se, de um lado, a busca de algumas pessoas é somente para poder trabalhar na Itália, para alguns jovens a busca dos documentos torna-se uma busca interior, quase uma pesquisa social, psicológica, antropológica, cheia de significado e de motivações, uma busca das origens e um estudo aprofundado através da memória. É assim que se verifica uma mediação cultural (SANTAGATI, 2004), uma mistura de aspectos italianos e brasileiros; cria-se um Brasil italiano através da recuperação da história familiar, através do valor da lembrança, também quando se verifica a ruptura com o próprio grupo, quando a migração é uma fuga (SANTORO DE COSTANTINO, 2003).

Eu gostaria de ficar um tempo lá. Não seria pra juntar dinheiro ou pra viver pra sempre lá, mas de ter uma vivência cultural diferenciada acho que na Itália todo lugar que passei você respira história, é difícil o lugar que não tenha um monumento que seja mais velho que meu país, é muito difícil, qualquer lugar que você vá, qualquer cidadezinha você tem lá um monumento que é mais velho que o Brasil, tem mais de 500 anos. Gosto me interesse por isso, tem um valor subjetivo muito grande, e eu acho que isso uma parte das pessoas se interessa por isso mas acho que são muito poucos... É uma forma de ser italiano, a cultura italiana, então nesse sentido, gastronomia, religiosidade, estrutura familiar. Eu sou católico, eu

também vejo isso não só uma ligação mística, histórica, cultural, também entendo desta forma até também gosto de conservar isso como referência histórica também (1).

Quando eu tinha TV a cabo era na RAI direto, porque eu sou ainda muito apaixonada por lá, tem dias assim que eu converso, se eu converso com a minha amiga italiana à noite o dia inteiro eu embaralho eu fico falando muito da Itália ou italiano (2).

Quando eu morava com uma família na Itália, eles falavam você um dia vai ter que cozinhar um prato brasileiro pra gente, eu falei tá, que prato você querem? Que você sabe fazer? Eu falei macarrão. Mas você só sabe macarrão? Minha família é italiana também, eu falei, daí eles falaram você não sabe fazer feijoada? Eu falei não! A gente não come quase feijoada em casa. Daí um dia ele veio com a polenta, isso aqui você não conhece, eu falei faz tempo, você faz isso? Eu falei que no fogão a lenha, ele disse você esta brincando, oh! A gente faz (4).

Eu fiquei profundamente emocionado de ter chegado na cidadezinha dos meus pais, uma cidadezinha de 10 mil habitantes... eu lembro do meu pai, meu tio contava que meu bisavô trabalhava nas margens do rio Pó, eu achava engraçado por que pó pra gente é poeira, é seco, é pó mesmo, eu achava engraçado um rio chamar pó, um rio de poeira na minha imaginação de criança. Isso me marcou bastante, o nome do rio, a cidade a gente não sabia na época que ele trabalhava na época da enchente pra... na barragem de proteção do rio, dique de proteção, pra proteger as plantações da cidade. Ele vigiava à noite, revezava com outros pra ver onde tinha vazamento de água e onde acontecia este vazamento tinha que jogar areia pro lado de dentro porque da pressão da água jogava aquela areia, aquela pedra pra tapar qualquer vazamento que tivesse ali. E daí eu fui pra conhecer, pra ir atrás de documentos também e eu cheguei ali e um dia quente como hoje, mês de junho bastante quente, aí eu lembrei do rio e olhei, mas era tudo pântano planície padana ali, eu olhei e nossa, será que é longe daí esse rio? Um lugar mais levedado eu subi ali pra ver se eu via alguma coisa, um lugar um pouco mais alto que você podia ver, esse lugar que eu subi era esta barragem, esse dique o rio dava do outro lado, nossa! Aquele momento veio todo à mente, eu não estava nem lembrando mais a história mas quando eu subi e vi aquele rio enorme do lado da cidade, eu já recordei de tudo, me emocionei bastante (1).

Os entrevistados desenvolvem múltiplos pertencimentos que se revelam como diferentes formas de identidade:

a) assimilada, resultado de uma comunidade italiana que no Brasil tem esquecido as referências culturais de origem;

As pessoas perdem esta ligação com o lugar de origem e realmente são poucos os que têm... que foi passado alguma coisa que conservou alguma recordação, alguma memória dos antepassados, por uma série de fatores podem ser possíveis aí dessa desagregação dessa memória que estranhamente no Rio Grande do Sul na serra gaúcha mais especificamente eles mantêm mais esta tradição, aqui não tem ela se perdeu, engraçado que é a mesma. O mesmo povo que saíram dos mesmos lugares mais ou menos da mesma época da mesma origem social e se diferenciou tanto, se transformou numa coisa muito mais abstrata, cambiável, muita coisa que eu resgatei, que

eu fui atrás, que eu recebi dos pais, eu recebi isso na minha educação, foi passado, acho que realmente se perderam, algumas pra sempre, porque não tem mais os avós, os tios não sabem muitas coisas minha mãe, também, o que ela sabe vai passando (1).

Se você chegar no quarto hoje, você vai encontrar uma foto do meu pai e uma bandeira do Brasil, então eu me sinto realmente brasileiro eu gosto do meu país. Como eu gosto do meu país eu não vejo, por exemplo, eu me tornando italiano eu deixando de ser menos brasileiro, ou querendo ser italiano ao invés de ser brasileiro. É porque eu não reconheço, e aí sim vem a influência dos meus avós e é esta a questão da família, essas raízes que eu tive passadas dos meus bisavós, meus avós (8).

b) fixa ou fixada em aspectos folclóricos e estereotipados da cultura italiana que não correspondem à realidade;

A hora que eu pisei lá eu falei estou em casa, eu fui criado muito nessa moda europeia, dessas coisas assim, quando eu estava lá eu falei estou em casa tudo que eu vi eu já conhecia, a ideia que eu tinha é a mesma que eu tinha aqui sabe? (4).

c) dividida, de uma pessoa que não pertence ao lugar de origem e de destino, como o "marginal man" (PARK, 1986);

Eu nunca deixei de me sentir brasileira, quando eu estava na Itália por exemplo, tinha hora que eu reforçava isso, vou escutar música brasileira, tinha horas que eu tentava de negar um pouco, tinha uma amiga minha que misturava, quando começa a falar ele mistura. Então eu me sinto as duas coisas, se eu fosse pra lá eu vou viver eternamente a divisão, se eu tiver lá vou sentir saudade daqui, se eu estiver aqui vou sentir saudade de lá (3).

Tem aquela sensação meio de estúpidos, de se sentir meio bobo, porque você não conhece bem as regras, então várias vezes você tem essa, lá quando eu ia fazer qualquer coisa ligada a documento, por exemplo, tirar a carteirinha sanitária, primeiro que eles me estranhavam porque eu estava com o passaporte na mão sendo que eu era italiana mas não era italiana, então tinha este estranhamento então eu me sentia meio tonta, meio ridícula (3).

d) equilibrada e baseada em um "mix" de traços culturais de vários tipos.

Eu acho, eu gosto de ser brasileiro e não gostaria de abrir mão da cidadania, mas por outro lado eu também me reconheço como italiano. Eu estudei de uma maneira subjetiva, pessoal, porque percebendo um pouco ali por uma leitura (1).

O parabéns que mais gosto, que me fazem suas joias, são de estilo italiano com uma cor brasileira (2).

Eu tenho gosto de não ter nascido lá mas falar de uma forma ou de outra ser italiano. Se alguém falar eu poder mostrar minha carta de identidade italiana, sabe? É isso, é coisa pouca sabe? (4)

Não pára, vai volta, vai volta, é a casa né? Vai estar lá, depois volta aqui, a gente vê em todo lugar, todo mundo gosta, se sente bem em todo lugar, todo mundo gosta de lá, se sente bem nos dois lugares, se sente bem. Eu gosto de lá, não é que eu não gosto do Brasil mas eu me identifiquei bem lá. Eu falo que sou ítalo-brasileiro, que sou os dois, eu gosto dos

dois assim, nunca vou desprezar, falar nada do Brasil porque a minha terra em que nasci, foi aqui que me criei e foi aqui que deu oportunidade pra minha mãe trabalhar e me deu sustento sabe? Chega onde eu cheguei e inclusive chegar na Itália, só que eu também quando fui pra lá abri os braços, também é minha origem, se não fosse ela quem garante que eu estaria em algum lugar vieram de lá entendeu? minha família é italiana então eu me coloquei de braços abertos. São duas casas minhas, uma que eu cresci e outra que eu ouvi falar que são minhas origens e que soube me receber quando eu quis voltar (4).

Eu acho que sou brasileira, tentando buscar as raízes, acho que pra eu me sentir italiana eu teria que estar morando lá como quando eu estava lá, você se sente ligada, interagindo a cultura você está presente, você está em volta de tudo, aqui é um sonho, né? (5).

Quando se chega à Itália, todavia, a proximidade cultural e o desejo de assemelhar-se aos autóctones não constituem sempre uma garantia para que exista uma correspondência entre características pessoais, percurso migratório, aspirações individuais e chances de vida. Por isso, muitos brasileiros fazem na Itália trabalhos muitos bem pagos, mas não muito qualificados, com escasso prestígio social e permanecem estrangeiros e brasileiros na Itália. Problemas específicos vivem, depois, as mulheres brasileiras.

Na época tinha a intenção de estudar na Itália, eu sou formado em educação física aqui, eu tinha a intenção de fazer um curso na área de gerenciamento esportivo, na Itália isso é bastante profissionalizado a administração esportiva. Eu me formei em 2000, em 2001 eu acabei indo pra Itália, mas meio na base do desespero tentando tirar a cidadania por lá por eu aqui o consulado estava parado não estava nem recebendo mais processo de cidadania e tal. Eu fui numa tentativa meio desesperada pra tentar dar entrada por lá, na época não havia nenhuma regulamentação pra se conseguir a cidadania por lá, eu achei que ia ficar meio complicado e acabei desistindo porque quase meio da Itália, mas eu acabei voltando (1).

Eu não queria ir assim sem nada desse jeito muito imigrante, eu queria continuar minha profissão, queria continuar estudante ter um vínculo e, eu também, não sabia que eu queria ir imigrar, queria passar um tempo. Eu não queria viajar porque eu nunca gostava dessa coisa de turista, né? Foi um processo de inserção social mesmo real, trabalhadora tal. Eu não posso dizer foi difícil pra mim, não foi, eu falava a língua, eu não senti, lógico você é mais cobrado, acho que assim a história de ter a cidadania, de falar bem a língua de tudo foi o que ajudou muito, falo que senti na pele preconceito. Eu só me decepcionei mesmo com a questão do que eu esperava com o estágio, era muito fraco, não era nada do que eu imaginava. Muito pouco, era mais o imaginário meu que alguma coisa dada na Europa vai ser super bem dada, não tinha informação nenhuma. Era a ideia de que tudo na Europa é tudo bem feito, bem dado e não era bem assim, era muito largado, não tinha uma sistematização acadêmica (3).

Ela estava querendo alugar um apartamento, mas aí a pessoa da agência falou, é pra você? Não, não, pra mim, e percebeu ela falou, você não é daqui? Não sou do sul da Puglia, é pra mim e pra uma amiga, e ela

também é do sul? Não, ela é brasileira, ela é do Brasil. E ela é dançarina? Entendeu? Só pra te dar uma ideia mais ou menos do preconceito que você acaba sofrendo claro que, pelo meu cabelo. Então não tinha isso, quando falava alguma coisa que era do Brasil tem uma conotação, acho que pra mulher é um pouco mais difícil (2).

Eu te falei daquela vez da sensação da mulher brasileira, isso não me incomodava muito porque eu tinha certeza que não era nada daquilo, então sabe? Se pensassem também... mas dois minutos de conversa ia perceber que não era nada daquilo, então eu não, isso não te atingia pessoalmente eu ficava puta mas num sentido mais político, que saco que o Brasil passa essa imagem, que saco que as pessoas têm, mas não que eu me sentia ofendida. No primeiro contato você é brasileira? Coisa interessante exótica, mas depois passava, depois tirava máscara e tudo bem. Também não sou a típica brasileira tanto fisicamente tanto "comportalmente", eu sou mais na minha, discreta (3).

Todavia, alguns jovens têm experiências positivas de inserção social e integração, de conhecimento do país e dos italianos, através da criação de ligações importantes de amizade, mas os projetos de vida se revelam diferentes e contraditórios: a maioria dos que voltaram acha que é melhor morar no Brasil; outros sonham em morar na Itália um tempo ou para sempre; outros pensam em viajar para morar ou trabalhar temporariamente nos países europeus visto que com o passaporte se abrem outras possibilidades de trabalho.

Acabei conhecendo essa minha amiga italiana, que vinha do sul, e ia fazer o mesmo curso que eu ia fazer, e a gente acabou dividindo primeiro um quarto no pensionato e no final do curso a gente acabou falando vamos ficar? Vamos ficar, e aí a gente alugou um apartamento, porque na verdade eu não queria ficar como uma estrangeira, eu queria participar da comunidade, entendeu? E ser integrada, tanto que tenho muitos amigos italianos, a minha preocupação não era assim, a intenção era ficar pra conhecer o máximo que eu pudesse e aproveitar o máximo que eu pudesse. Eu acabei ficando e foi muito válido, muito válido, uma experiência assim de chão de fábrica, que a gente chama aqui, e eu não conheço outra pessoa que tenha feito isso entendeu? Que tenha efetivamente ficado e trabalhado. É engraçado porque os operários não se conformavam e diziam "o que tá fazendo aqui?". Entendeu? Pra mim era uma coisa importante, não era um questão social, era efetivamente do meu trabalho, essência do meu trabalho, e eles não entendiam, é complicado, não é simples, você tá lá, sabe? Trabalho 8 horas, vai lá, ganha, trabalhava a banca mesmo, soldava, era muito bacana, sempre com jóias, pra mim a parte de ouro mesmo. Era uma fábrica pequena de uns 30 funcionários, mas o volume era muito grande, era muito grande, era uma fábrica umas das mais respeitadas, era muito bacana (2).

Me tratavam super bem [na Itália], só que turista é quando se é do país, acho que é mais fácil. Eu poderia ter ficado mais tempo, se eu estivesse com a cidadania eu não tinha voltado, pode ter certeza. Só voltei porque não tinha outro jeito de ficar lá, porque se falasse a sua cidadania tá pronta você não ia me achar aqui no Brasil pra fazer entrevista, não! (4).

Enfim, existe um sonho italiano e/ou europeu? Quem já foi e quem quer ir à Itália manifesta uma representação positiva de Europa, que representa em primeiro lugar o continente da cultura e da história em que se pode experimentar uma vivência cultural diferenciada e não somente adquirir possibilidade de consumir; Europa oferece, no imaginário dos entrevistados, a oportunidade de trabalhar no que as pessoas sabem fazer, porque não se quer migrar para “lavar pratos ou ser jardineiro”. O “velho continente” é ao mesmo tempo definido como a Europa dos direitos e da segurança social, porque educação, saúde, emprego são direitos garantidos a todos os cidadãos. Os jovens sublinham, em particular, a possibilidade do acesso livre à universidade, quase um sonho para pessoas acostumadas à difícil seleção e escassas possibilidades de êxito.

O que acontece com muita gente por exemplo que aqui ele tem uma formação superior, mas ele poderia ganhar no máximo uns 300 euros. Por exemplo, ele pode ir pra lá e ganhar 1200 euros então ele faz esta conta imediata esquece o custo de vida lá, ele se sujeita a fazer qualquer tipo de trabalho, alguns vão com um sonho de achar que algum dia ele vai poder fazer, trabalhar na profissão dele, mas muitos assim abrem mão mesmo, o que me importa se sou engenheiro aqui e não tem trabalho pra mim ou eu ganho muito pouco, eu vou é trabalhar lá de mão-de-obra braçal, eu vou ganhar mais, eu tenho talvez uma segurança social maior, apesar de ter uma degradação desse estado de bem-estar social em toda Europa, em toda a Europa está se degradando mas mesmo assim é muitíssimo superior aqui, então isso também acho que acaba, você tem uma educação de melhor qualidade, saúde de melhor qualidade estas coisas acho que acabam chamando atenção, segurança, violência urbana aqui nesta última década. Pessoalmente houve uma explosão da violência urbana, isso assusta o brasileiro. Então ele pensa assim, pra que eu vou ficar ligado a um status, ficar trabalhando na minha área se às vezes é muito melhor fazer um trabalho que eu não vou ter que ficar me preocupando muito, um trabalho simples é mais cansativo mas ele é um trabalho simples não tenho grandes responsabilidades, no final do mês eu tenho meu dinheiro pra pagar minhas contas, eu acho que tem muitos brasileiros que fazem esta opção, não sei se tem muito esta ilusão que vão pra lá trabalhar na área na formação deles (1).

Eu acho que se me quedasse no Brasil estaria tudo na mesma coisa, não ia ter mudança, mesmo por causa da situação do país. Não tem grandes progressos e a população fica sem ter chance, sem ter. Lá eu acho que tem mais oportunidades, eu posso chegar e começar com um emprego de faxineira, limpar casa, e posso progredir que tem mais oportunidades. Eu acho que tem mais reconhecimento das pessoas pelo governo. Se eu ficasse na Itália, eu sei que tenho tudo, eu não preciso pagar nada, eu posso estudar, eu posso fazer um monte de coisas. Na Itália eu teria mais chances de fazer coisas, por ser cidadã italiana. Eu não sei o futuro, mas eu acho que talvez não esteja rica, porque não é esta a intenção de guardar muito dinheiro, pra voltar para o Brasil e comprar um monte de coisas, não. Eu acho que guarda-se dinheiro, mas tem-se que investir em você mesma. Em conhecer outros lugares, poder viajar mais, pela Europa, por outros lugares (10).

Finalmente, a diferença do Brasil para a Europa é que este representa um país onde as pessoas não têm valor e onde se perdem os sonhos e as esperanças, enquanto na Europa as pessoas teriam mais dignidade: observado externamente pelos jovens brasileiros, o continente europeu carrega expectativas e aspirações altas e múltiplas que constroem esta idéia de um sonho.

Eu me sinto brasileira apesar desse país não oferecer boas condições de vida, sabe? por isso que eu acho que na Itália, não só na Itália mas na Europa toda a vida tem mais valor sabe? Aqui no Brasil as pessoas são nada assim isso que me desanima, mas eu gosto daqui como país não sei se porque eu nasci aqui eu não me vejo assim eu queria morar na Itália ou morar em Londres não porque falam que lá é tudo nublado mas eu não gosto eu gosto de céu azul gosto de eu acho assim eu acho que o Brasil é um país de vida, tinha tudo pra dar certo, tudo pra ser bom, mas assim gostaria de morar, pra ficar um ano, conhecer como que é, outro lugar assim outra cultura e nada como você morar em outro país porque passeando é diferente. Mas assim pra morar o resto da minha vida não, acho que eu moraria no Brasil, não troco meu Brasil por pior que seja, por pior que as pessoas não tenham tanta vontade de fazer isso aqui melhor eu ainda gosto do Brasil. Eu estou num trabalho em Limeira, é um convênio odontológico, só que esta muito ruim o meu trabalho, estão explorando a gente no último, não pagam atrasam o salário e não tem o mínimo de respeito, por isso que eu falo aqui no Brasil as pessoas não têm respeito sabe? Pelo trabalho das pessoas, aqui parece que a gente não vale nada, é um país que chega a desanimar a gente... atualmente eu só estou trabalhando nesse lugar que não está bom, por isso eu tenho vontade de ir embora. A gente fica sonhando lá fora achando que é melhor, mas a gente não sabe também.

Estes países da Europa por serem mais estruturados, terem mais história, você vê eles se desenvolvendo mais que o Brasil ficou meio parágrafo, acho que lá você teria mais esperança de vida, aqui no Brasil você acaba se desestimulando com as coisas, eu mesma estou muito desanimada com a minha profissão já pensei em largar varias vezes, estou pensando em prestar outra faculdade, porque aqui as pessoas não dão valor, então é um país onde você perde um pouco os seus sonhos, você tem que ser muito forte assim, muito batalhador e muito assim ter certeza do que você quer porque senão você perde muito as esperanças aqui. Você sai da faculdade cheio de sonhos, eu saí assim... eu só queria fazer odontologia, ser dentista e de repente aquilo me criou uma angústia muito grande, eu fiz terapia, fui no psicólogo porque você vê que as coisas aqui quando você sai, você se forma e sai as coisas são muito diferentes, mas é muito diferente mesmo, eu acho que lá fora as coisas são diferentes que aqui no Brasil, aqui as pessoas não são valorizadas com profissão, muito pelo contrário as pessoas só querem explorar, quem tem um pouco mais de dinheiro assim exploram os que não têm, então você vai perdendo as esperanças. É um país que você não vê futuro, você não vê uma perspectiva mais pra frente. Então você vê assim, as pessoas com vontade de ir embora. Outras amigas contando que estão na Suíça, não sei onde e mandam e-mail dizendo: aqui sou qualquer coisa, mas é melhor que no Brasil, pois aqui você tem uma profissão mas você não é nada, porque você não é valorizado, este país precisa mudar antes que as pessoas aqui queiram, daqui a pouco vai ter muita gente aqui mas aqui é um país onde você não consegue muita perspectiva. En-

tão acho que este sonho das pessoas quererem sua cidadania, esta coisa desenfreada assim é esta coisa que aqui não oferece, a gente não conhece lá fora, eu vejo muita reportagem está passando agora aqui no Brasil no Globo Repórter de pessoas que foram pros EUA e se deram mal, que foram pra onde, porque a gente tem aquele sonho de que lá fora é tudo melhor e as pessoas sabem que no fundo, eu tenho consciência que lá fora não é mil maravilhas, mas acho que tem mais dignidade, tem mais assim, sei lá, acho que é isso. Quando eu me formei eu tinha muitos sonhos e você vai lidando com pessoas que não tem ética na profissão, por isso eu acho que ia gostar da Europa porque eu imagino que lá as pessoas tem mais ética mais respeito pelas pessoas, aqui o ser humano não é respeitado nem pelo que faz nem pelo que não faz sabe? (7).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, como podemos interpretar esta mobilidade humana entre Brasil e Itália e quais conceitos utilizar para defini-la de maneira adequada?

O primeiro conceito que se pode utilizar é transnacionalismo (GEIGER, 2000; PORTES, 2003), uma abordagem que se afirma como alternativa aos paradigmas da assimilação do imigrante no contexto do país de destino ou do imigrante temporário que volta ao país de origem. O transnacionalismo representa uma nova perspectiva teórica, não um novo fenômeno, que considera os transmigrantes como pessoas que constroem campos sociais que ligam o local de origem ao local de destino. Os migrantes podem manter suas relações sociais e múltiplas identidades, geradas a partir da simultaneidade de posição em várias localidades sociais, graças ao desenvolvimento da comunicação e dos transportes, e usam tanto para se acomodarem, como para resistirem às difíceis circunstâncias e às ideologias dominantes que encontraram nos seus campos sociais transnacionais (SALES, 1992). Fala-se de uma dupla inserção de alguns migrantes, que podem se definir como transmigrantes, que criam uma rede – uma globalização – por baixo, feita de laços econômicos, políticos e culturais nos dois países, com consequências micro (em nível de identidade) e macrossociais.

Então, o transnacionalismo é um fenômeno da primeira geração ou é possível que exista uma hereditariedade dos filhos e dos descendentes? Este conceito pode ser aplicado, por exemplo, ao caso específico dos brasileiros de origem italiana que podem procurar uma dupla ligação com o Brasil e a Itália, através da dupla cidadania e, porque não, talvez desenvolver uma dupla identidade sociocultural (FRANZINA, 2005). É possível definir os jovens entrevistados como transmigrantes? Acharmos melhor falar da figura do peregrinus como é apresentada por Bauman (1999), da vida como uma peregrinação verso uma meta que atrai: se trata neste caso da terra dos antepassados, um país onde a volta pode ser considerada como a conclusão de um percurso de retorno ao país de origem. Mais que falar de

transmigrantes, ademais, pode-se reconhecer práticas transnacionais de jovens que não são verdadeiros migrantes ou turistas, mas que sentem ter duas cidadanias, casas, idiomas, pertencimentos, e talvez amigos, familiares, filhos italianos. Muitas vezes manifestam um estilo de vida nômade, móvel, pouco radicado, resultado de um desejo de descobrir raízes, que envolvem uma rede de pessoas em conexão, através de um percurso de recuperação voluntária dos laços entre os dois países, um percurso individual, mas também coletivo, familiar, de comunidade.

Pode-se afirmar que a direção das migrações nunca é definitiva, mas cíclica, parecendo superar espaço e tempo. Ademais, não se trata de viagens somente de ida, mas de viagens de ida e volta, também quando uma migração é um projeto que dura por algumas gerações. Pode-se chamar, também, esta mobilidade de "migração transgeracional": com esta denominação, entende-se a corrente migratória dos oriundos em locais onde possivelmente residam parentes ou amigos, onde existe a possibilidade de formação de uma rede de apoio que auxilia a inserção e a permanência. Trata-se de um caminho inverso que caracteriza a trajetória dos descendentes dos imigrantes que buscam obter a cidadania italiana para resgatar os laços com a terra de seus antepassados, bem como procurar oportunidades de trabalho na Itália e na comunidade europeia (BÓGUS, BASSANEZI, 2001).

Escreve Sayad (2000) que o retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes, uma questão inscrita na condição do imigrante que introduz a lembrança da dimensão universal do fenômeno migratório, composto de imigração e emigração.

O retorno implica uma relação com o tempo, o tempo de ontem e o tempo do futuro, a representação de um e a projeção do outro, sendo dependentes do domínio que se tem do tempo presente; é um retorno ao tempo anterior à emigração, uma retrospectiva, ligada com a memória. O retorno implica uma relação com a terra natal, em todas as suas formas e seus valores, inicialmente em sua dimensão física ou geográfica e em suas outras qualificações sociais; lugares carregados de afetividade. O retorno implica uma relação com o grupo, aquele que se deixou fisicamente, mas que se continua a carregar de uma maneira ou de outra, e aquele no qual se entrou. O retorno é um mito pelos migrantes, mas não existe verdadeiramente retorno ao idêntico. Pode-se sempre voltar a ponto de partida, o espaço se presta bem a esse ir e vir, mas de outro lado, não se pode voltar ao tempo da partida (SAYAD, 2000, p. 12).

Este conceito de retorno parece muito interessante para estudar este fenômeno dos descendentes dos italianos, apesar de que não se trata de um verdadeiro retorno, porque não voltam ao país de origem as pessoas que migraram, mas os descendentes, os netos ou bisnetos.

O fenômeno do retorno dos descendentes, das relações transnacionais e transgeracionais é bastante novo, não muito conheci-

do e ainda limitado a nível numérico na Itália, mas a oportunidade de estudar a imigração/emigração entre Itália e Brasil, nos dois contextos nacionais, tem permitido conhecer este processo circular e nunca definitivo, ativando um processo de reflexividade na pesquisa sobre migrações e oferecendo a possibilidade de descobrir um “novo mundo”, fato de sonhos e aspirações de jovens de origem italiana, que precisa ser estudado de maneira interdisciplinar (P. NETO, FERREIRA, 2005) e através de um processo de recomposição entre imigração e emigração, analisando a biografia de imigrantes e emigrantes.

Pode-se concluir, afirmando que os jovens entrevistados, de fato, propõem uma ideia do migrante, não tanto como na imagem pessimista de Sayad de pessoas duplamente ausentes, sem direitos no lugar de origem e de destino, mas como atores que vão criar e reconstruir redes entre dois mundos, na perspectiva teórica da agency, e que se caracterizam por uma forte vontade de existir nos dois contextos, escolhendo uma “dupla presença”.

NOTAS

1. São sessenta milhões as pessoas de origem italiana que moram fora da Itália; 290 mil são os italianos que hoje moram no Brasil, 69 mil nativos, 230 mil com dupla cidadania (MAFFIOLETTI, COLAIACOMO, 2004; CARITAS/MIGRANTES, 2005).
2. Trata-se de entrevistas realizadas em São Paulo e em Rio Claro, no interior do Estado, donde foi minha estadia do projeto TransMigraRede.
3. No Brasil consideram-se jovens as pessoas de 15 a 24 anos, mas em outros países (como por exemplo Itália) o arco considerado é maior, indo até os 29 ou mesmo 35 anos: é necessário relativizar tais marcos porque as histórias pessoais, condicionadas pelas diferenças e desigualdades sociais de muitas ordens, produzem trajetórias diversas para os indivíduos concretos (ABRAMO, 2005).
4. Os números ao termino de cada citação são relativos às entrevistas realizadas com os jovens.
5. <http://www.orkut.com>; <http://br.geocities.com/bravagentebrazilera>; <http://www.imigrantesitalianos.com.br>, etc.
6. Informação verbal fornecida pela Agência Consular de Rio Claro.
7. “O retorno é uma prática que os poderes públicos desejavam encorajar por meio especialmente de incentivos, além do desejo natural de retornar do migrante. Esta ideia age como uma espécie de chamado da dimensão nacionalista à qual está confrontado o fenômeno migratório” (SAYAD, 2000, p. 29).
8. Referências teóricas são a ideia de sonho como possibilidade de FREIRE (2001) e a dimensão existencial do sonho, proposta por FOUCAULT (2003) que, ao contrario de Freud, não define o sonho somente como expressão do inconsciente.
9. O “coiote” é um agenciador de mão-de-obra que coloca pessoas clandestinamente em outro país.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania; Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.
- AMBROSINI, M. *La fatica di integrarsi: immigrati e lavoro in Italia*. Bologna: Il Mulino, 2001.
- BAUMAN, Z. *La società dell'incertezza*. Bologna: Il Mulino, 1999.
- BASSANEZI, M. S. C. B. *Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico*. In: PATARRA, N. (Coord.). *Emigração e imigração no Brasil contemporâneo*. Campinas: FNUAP, 1995. p. 1-38.
- BERTAUX, D. *Racconti di vita*. Milano: FrancoAngeli, 1999.
- CARITAS-MIGRANTES. *Immigrazione: dossier statistico 2005: XV rapporto*. Roma: Idos, 2005.
- D'ANGELO, A. *L'immigrazione latinoamericana in Italia: un inquadramento statistico*. In: AMBROSINI, M.; QUEIROLO PALMAS, L. *I latinos alla scoperta dell'Europa: nuove migrazioni e spazi della cittadinanza*. Milano: FrancoAngeli, 2005. p. 124-143.
- FONDAZIONE ISMU. *Diciottesimo rapporto sulle migrazioni 2012*. Milano: FrancoAngeli, 2013.
- ALVIM, Z. M. F. *O Brasil italiano (1880-1920)*. In: FAUSTO, B. (Org.). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 1999.
- FRANZINA, E. *Diaspora e colonie tra immaginazione e realtà: il caso italo-brasiliano*. In: TIRABASSI, M. (Org.). *Itinera: paradigmi delle migrazioni italiane*. Torino: Edizioni della Fondazione Giovanni Agnelli, 2005. p. 101-137.
- FREIRE, P. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.
- FOUCAULT, M. *Il sogno*. Milano: Raffaello Cortina, 2003.
- GEIGER, P. P. Migrações internacionais e transnacionalismo na atualidade. *Revista Brasileira de Estudos de População*, [S.l.], v. 17, n.1/2, p. 213-216. jan/dez. 2000.
- OLIVEIRA, L. L. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BÓGUS, L. M. M. *Migrantes brasileiros na Europa Ocidental: uma abordagem preliminar*.

In: PATARRA, N. (Coord.). *Emigração e imigração no Brasil contemporâneo*. Campinas, FNUAP, 1995. p. 111-121.

BÓGUS, L. M. M.; BASSANEZI, M. S. C. B. Brasileiros (as) na Itália: nuovi cittadini ou extracomunitari?. In: CASTRO, M. G. (Coord.). *Migrações internacionais: contribuições para políticas*. Brasília, DF: CNPD, 2001. p. 409-425.

MAFFIOLETTI, G.; COLAIACOMO, A. Gli italiani nel mondo: dinamiche migratorie e composizione delle collettività. *Studi Emigrazione*, v. 41, n. 153, p. 169-194, 2004.

MEMORIAL DO IMIGRANTE. *Imigração italiana no Estado de São Paulo*. São Paulo: 2003. (Série resumos, n. 1).

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. *Indagine sui giovani italiani all'estero: i giovani italiani nelle élite economiche, politiche e culturali, nella classe media e in quella povera, dei paesi esteri: Brasile e Argentina*. Roma, Nov. 2003.

P. NETO, H. FERREIRA, A. P. *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2005.

PARK, R. E. Migrazione umana e l'uomo marginale. In: TABBONI, S. (Org.). *Vicinanza e lontananza: modelli e figure dello straniero come categoria sociológica*. Milano: FrancoAngeli, 1986. p. 195-210.

PATARRA, N. (Coord.). *Emigração e imigração no Brasil contemporâneo*. Campinas: FNUAP, 1995.

PATARRA, N. Movimentos migratórios internacionais recentes de/para o Brasil e políticas sociais: um debate necessário. In: SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES (Org.). *Travessias na desordem global*. Fórum Social das Migrações. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 355-380.

PIRES, E. L. S. et al. Dinâmicas territoriais e novas formas das emigrações brasileiras no início do século XXI. *Studi Emigrazione*, [S.l.] n. 154, p. 415-428, 2004.

PORTES, A. Theoretical convergencies and empirical evidence in the study of immigrant transnationalism. *International Migration Review*, [S.l.] v. 37, n. 3, p. 874-892, 2003.

SALES, T. Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas anotações para pesquisa. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, p. 50-64, 1992.

SANTAGATI, M. *Mediazione e integrazione: processi di accoglienza e inserimento dei soggetti migranti*. Milano: FrancoAngeli, 2004.

SANTORO DE CONSTANTINO, N. Italiani a Porto Alegre: l'invenzione di una identità. *Altreitalie*, n. 25, luglio/dic. 2003.

SAYAD, A. O retorno, elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia: Revista do migrante*. São Paulo, ano 13, jan. 2000.